



**Espaço &
Geografia**

BRASILEIROS E BRASILEIRAS NA SUÍÇA: SONHOS, FRUSTRAÇÕES E REALIZAÇÕES

Brazilians in Switzerland: dreams, frustrations and achievements

Liliana Tinoco Bäckert¹, Victoria Barboza de Castro Cunha², Eduardo Picanço Cruz³ e Roberto Pessoa de Queiroz Falcão⁴

¹ Livre pesquisadora, Zurique, Suíça. liliana.tinocobaeckert@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9319-489X>

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Administração, Curitiba, Brasil. victoriacunha@alunos.utfpr.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4916-0454>

³ Universidade Federal Fluminense, Departamento de Empreendedorismo e Gestão, Niterói, Brasil. epicanco@id.uff.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4484-3256>

⁴ UNIGRANRIO, Programa de Pós-Graduação em Administração, Duque de Caxias, Brasil. robertopqfalcao@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8125-0938>

Recebido: 23 de fevereiro de 2023; Aceito: 8 de abril de 2023; Publicado: 15 de abril de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/2236-56562023e47269>

RESUMO

Com uma das taxas de migração mais altas do continente europeu, ultrapassando inclusive outras nações do Ocidente, como Áustria, Reino Unido e Países Baixos, a Suíça vem despontando como um contexto de especial interesse para estudos migratórios desde a segunda metade da década de 1990. O presente artigo visa, portanto, identificar o perfil sociodemográfico dos migrantes brasileiros na Suíça, evidenciando suas motivações para migrar e dificuldades de permanência no país de acolhimento. Para tanto, faz-se um levantamento de dados primários com 617 respondentes, por meio de um questionário veiculado em grupos de Facebook, LinkedIn e WhatsApp. Os principais achados incluem a predominância feminina do conjunto amostral, com faixa etária média acima de 31 anos e alta escolaridade, sendo o matrimônio a principal estratégia de migração desse público. No que concerne à população masculina, a estratégia mais adotada foi a obtenção de visto de trabalho ainda em solo brasileiro. Ambos os sexos encontram dificuldades relativas ao idioma e à cultura, sendo que a intenção da maioria é permanecer no país por tempo indeterminado. Ressaltam-se como contribuições o avanço da teoria acerca do processo de feminização no fenômeno migratório e das barreiras envolvendo a eleição por esse destino europeu.

Palavras-Chave: tomada de decisão sobre migração; diáspora brasileira; comportamento migratório; Europa; pesquisa de levantamento.

ABSTRACT

With one of the highest migration rates on the European continent, surpassing even other Western nations such as Austria, the United Kingdom and the Netherlands, Switzerland has emerged as a context of special interest for migration studies since the second half of the 1990s. This article therefore aims to identify the sociodemographic profile of Brazilian immigrants in Switzerland, highlighting their motivations for migrating and difficulties in staying in the host country. For this purpose, a survey of primary data is carried out with 617 respondents, through a questionnaire published in Facebook, LinkedIn and WhatsApp groups. The main findings include the female predominance of the sample, with an average age group above 31 years and high level of education, with marriage being the main immigration strategy for this population. Regarding the male population, the most adopted strategy was to obtain a work visa while still on Brazilian soil. Both sexes face difficulties related to language and culture, with the majority intending to remain in the country indefinitely. As contributions, the advance of the theory about the feminization process in the migratory phenomenon and the barriers involving the election for this European destination stand out.

Keywords: migration decision-making; Brazilian diaspora; migration behavior; Europe; survey.

1. Introdução

O debate a partir dos países receptores dos fluxos migratórios tem englobado a divisão internacional de trabalho, com a migração de indivíduos altamente qualificados, em busca de melhores oportunidades no exterior, em paralelo ao recrutamento de trabalhadores braçais para determinadas funções pela América do Norte e Europa (EBERL et al., 2018). A Suíça tem atraído, recentemente, cada vez mais migrantes vindos do Sul Global, agravando efeitos da globalização relativos à exportação de mão de obra por países emergentes como o Brasil (LEBLANG; PETERS, 2022), Chile (BOLZMAN, 2011), ou mesmo do leste Europeu (LERCH et al., 2007).

Estima-se que 75.800 brasileiros vivam em solo helvético na atualidade, o que o representa cerca de 2% do movimento diaspórico brasileiro no mundo, ficando apenas abaixo do contingente dos seguintes países europeus: Portugal (276.000), Reino Unido (220.000), Itália (161.000), Espanha (156.439), Alemanha (144.120), e França (81.400), segundo estimativas do Ministério das relações Exteriores - MRE (2020). Estima-se que o montante total de imigrantes na Suíça seja de 2,1 milhão de imigrantes (ou 25% da população total), segundo dados oficiais da Confederação Suíça (2022). Todavia, diferentemente de outras localidades que vem sendo priorizadas nos estudos sobre a diáspora brasileira, a exemplo dos trabalhos de Cebulko (2018) em Massachussets, de Robins (2019) em Londres, de Casado *et al* (2021) no contexto australiano e de Falcão et al. (2021) no Canadá, há poucos trabalhos a respeito do perfil sociodemográfico dos migrantes brasileiros estabelecidos na Suíça, assim como a respeito de suas principais motivações e dificuldades ao estabelecimento nesse país de acolhimento (SCHULER; DIAS, 2014, 2019; SCHULER; SOUZA BRITO, 2014; WYSS; NEDELUCU, 2020).

Enquanto a Estônia e Finlândia vêm atraindo um crescente número de empreendedores digitais (MELNIKOVA et al., 2019), na Alemanha, verifica-se uma migração de mulheres brasileiras com maior qualificação profissional (CARNICER, 2019), e em Portugal observa-se uma massiva inserção brasileira, quer pela ancestralidade, quer pela facilidade da língua, para aquisição de imóveis ou abertura de negócios (FERNANDES et al., 2021).

Ademais, destaca-se que pesquisas sobre a migração brasileira envolvendo dados primários coletados por meio de redes sociais são escassas, sendo a maioria dos trabalhos encontrados em bases nacionais, embasados em histórias de vida de migrantes ou coletas de dados oriundos de entrevistas (SCHULER; DIAS, 2014; OLIVEIRA, 2017). Já no cenário internacional, a maioria dos levantamentos é baseada em dados de censo e/ou estatísticas locais (BRUNNER; KUHN, 2018), o que ressalta a relevância do presente trabalho. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é o de evidenciar o perfil sociodemográfico, motivações e dificuldades enfrentadas em seu estabelecimento no país de acolhimento, elencando causas atrativas aos migrantes brasileiros na Suíça e causas repulsivas que os levaram a emigrar do Brasil. Os dados foram coletados por meio de uma *survey* conduzida no seio de comunidades virtuais de brasileiros estabelecidos na Suíça, sendo recrutados 617 sujeitos em grupos de Facebook, WhatsApp e LinkedIn, em uma amostra realizada por acessibilidade. Portanto, o presente trabalho, busca realizar um levantamento de perfis e motivações de migrantes brasileiros na Suíça, contribuindo para o avanço da literatura de estudos populacionais de brasileiros no exterior.

O artigo estrutura-se inicialmente com uma seção de revisão bibliográfica, incluindo duas subseções: “O panorama da Migração para Suíça” e “Políticas de Integração de Migrantes na Suíça”, seguida de outra seção que discute os procedimentos metodológicos adotados para coleta e análise de dados, a apresentação e discussão de resultados e considerações finais.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 O panorama da migração na Suíça

Com uma das taxas de migração mais altas do continente europeu (15 a cada 1.000 habitantes), ultrapassando inclusive outras nações do Ocidente de dimensão territorial similar, a exemplo da Áustria (7,5 a cada 1.000), Bélgica (7,5 a cada 1.000) e Holanda (6,3 a cada 1.000), a Suíça vem despontando como um cenário de especial interesse para os estudos migratórios desde a segunda metade da década de 1990 (WANNER, 2021).

Segundo Steiner e Wanner (2019), a migração para a Suíça tem sido motivada principalmente por razões profissionais. Em 2017, por exemplo, 82% dos migrantes tinham entre 20 e 54 anos, compondo significativa parcela da população economicamente ativa (WANNER, 2021). Hoffman (2009) e Schuler e Dias (2014) apontam para um contingente superior de imigrantes brasileiros do gênero feminino na Suíça.

Concomitantemente, observa-se no país uma grande evasão dos cidadãos nativos, fato parcialmente explicado pela facilidade oferecida pelo acordo bilateral *Agreement on the Free Movement of Persons* (AFMP) entre a União Europeia (UE) e a Suíça, que os autoriza a escolherem livremente seu local de residência dentro do território da UE e por um incômodo cada vez mais explícito em relação à miscigenação e ao aumento de migrantes vindos de outras partes da Europa (EIHOLZER et al., 2021).

Para tentar reverter os efeitos desse fluxo de saída no mercado de trabalho, o governo vê na migração de cérebros¹ vinda de países do Sul Global uma alternativa para a escassez de mão de obra qualificada (SEMINARIO, 2018). Desse contingente, os migrantes recém-chegados – aqueles que desembarcaram na Suíça nos últimos 10 anos – representam aproximadamente 17% da população em idade para trabalhar, sendo os não europeus 40% desse quantitativo (D'AMATO et al., 2019). A entrada no mercado de trabalho suíço para esse público, entretanto, é regulada por diferentes sistemas de cotas, dependendo do interesse do país em suprir a carência de força de trabalho em determinados setores econômicos, a saber: saúde e cuidados essenciais (DIA, 2019), restauração, construção civil e atividades gerenciais (WANNER, 2021).

Outro retrato da migração no país é composto pelos refugiados e detentores de asilo político, percentual que já correspondia a 5,6% em 2018 (SEM, 2020). O estudo de Cangià et al. (2021) revela que mesmo para esse perfil de migrante é desejável o quesito da alta qualificação para ingresso no país, embora isso não se reflita numa rápida absorção dessa mão de obra em virtude da

¹ *Brain drain* ou fuga de cérebros: “perda de pessoas altamente qualificadas ou educadas de um país, região, instituição ou setor de trabalho para outro, com base em melhores salários, melhores condições de vida, oportunidades ampliadas, entre outros” (VEGA-MUÑOZ et al, 2021, p. 1).

xenofobia experimentada principalmente por refugiados muçumanos à espera pela validação de seus diplomas e reconhecimento da vivência profissional obtida no país de origem, fazendo com que essas pessoas tenham uma sensação de estar preso entre a expectativa de uma vida melhor e a realidade do descaso e falta de oportunidade, ao terem suas necessidades de subsistência, pertencimento e valorização profissional ignoradas tanto pelas autoridades quanto empregadores locais.

Diante desse preconceito, alemães, austríacos, franceses, italianos, portugueses, espanhóis, britânicos, norte-americanos, latino-americanos, indianos e africanos ocidentais, respectivamente, são apontados entre as nacionalidades mais representativas da população estrangeira do país (STEINER; WANNER, 2019). Dentre a população de origem latina e africana, evidencia-se um crescente processo de feminização do fenômeno migratório (RITTNER, 2014), embora isso não implique em maior igualdade de gênero (FALK, 2019), mas muitas vezes uma dependência financeira do marido (HUBER, 1996).

Na realidade, Falk (2019) resgata as raízes históricas da educação formal de meninas e meninos suíços para explicar como o sistema educacional continua perpetuando o antagonismo entre uma série de discriminações e privilégios para o público feminino migrante, mantendo o país em atraso frente a outros países europeus nesse aspecto. Apesar disso, a autora aponta que vários avanços em prol da paridade dos sexos foram obtidos a partir da migração feminina, a exemplo de a primeira mulher a ocupar o cargo de *full professor* (equivalente ao professor titular das universidades federais brasileiras) numa universidade suíça ser de nacionalidade russa ou mesmo o fato de o tardio sufrágio feminino ter sido encabeçado por cidadãs da segunda geração de migrantes (FALK, 2019). Baeckert (2020) e Chen (2021) recentemente apontam para evidências de discriminação das mulheres imigrantes diante de sua posição social e familiar, em casamentos binacionais com suíços, sendo levadas a abandonarem sua profissão para se dedicarem a tarefas domésticas.

Traçando um paralelo entre os fatores motivadores para evasão do Peru por mulheres da classe média urbana com grandes aspirações de ascensão profissional, Baeckert (2020) analisou a permanência na Suíça por esse grupo de

migrantes após terem concluído a graduação no país estrangeiro. Não obstante o acesso à educação enquanto migrantes, as peruanas relataram não terem conseguido empregos à altura da capacitação obtida no ensino formal suíço. Somando essa experiência aos casamentos binacionais que se sucederam após o período de permanência prolongada no país, Seminario (2018) identificou que as mulheres tiveram de renegociar suas feminilidades, fortemente ligadas ao ideal de uma carreira de sucesso numa nação desenvolvida, herdado da cultura de seu país de origem, em detrimento de um ideal de mulher que cuida da família, característico da cultura suíça e objeto de conflito na relação conjugal com seus parceiros nativos, os quais exigiam o sacrifício da carreira em prol da perpetuação do matrimônio.

De modo geral, portanto, observa-se que a ideia de que os migrantes representam uma subclasse que leva à proletarização de trabalhadores desqualificados na sociedade anfitriã permaneceu inalterada desde os trabalhos seminais de Hoffmann-Nowotny (1974), que considerava a posição social dos estrangeiros na Suíça pior do que na Alemanha, seu país de origem. Comparando o caso dos descendentes de migrantes, ele constatou haver uma reprodução intergeracional das desigualdades sociais, concluindo que as segunda e terceira gerações de migrantes poderiam eventualmente reproduzir apenas as posições subordinadas de seus pais (HOFFMANN-NOWOTNY, 2019), antecipando processos de assimilação cultural segmentada (PORTES; ZHOU, 1993). Tais apontamentos são confirmados em estudo com filhos de migrantes em idade escolar, das nacionalidades italiana, portuguesa e albanesa, os quais precisam adotar um comportamento em favor da absorção da cultura suíça e da integração a fim de alcançar um alto nível de adaptação psicossocial no sistema de ensino da parte alemã do país (HAENNI HOTI et al., 2017).

2.2 Políticas de Integração de Migrantes na Suíça

Foram extraídos dados do relatório *Migrant Integration Policy Index (MIPEX)* (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), levantamento que mede as políticas de integração de migrantes em 52 países de seis continentes, incluindo todos os Estados-Membros da EU e outros países europeus, asiáticos, da América do

Norte, América do Sul, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Os indicadores do relatório elencam por meio de múltiplas dimensões (políticas relativas à mobilidade no mercado de trabalho, reagrupamento familiar, educação, participação política, residência permanente, acesso à nacionalidade, anti-discriminação e saúde), uma imagem das oportunidades dos migrantes para participação na sociedade de acolhimento, sendo uma ferramenta útil para avaliar e comparar o que os governos estão fazendo para promover a integração dos migrantes em todos os países analisados (RUEDIN, 2015; SOLANO; HUDDLESTON, 2020).

Segundo o relatório MIPEX 2020 (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), na última década, as políticas federais da Suíça mudaram pouco quanto ao acolhimento de imigrantes, ficando estagnada a sua pontuação desde 2007, o que denota que, embora a administração federal tenha fornecido melhores padrões, apoio, financiamento, monitoramento para integração a nível local e cantonal, a abordagem global do país à integração de imigrantes permaneceu praticamente inalterada. Este comportamento refletiu-se na Lei da Cidadania Suíça de 2018, a qual introduziu padrões de naturalização com efeito limitado nas práticas cantonais existentes, dado que a lei reduziu a espera de 12 para 10 anos, sendo um dos requisitos de residência mais longos e rigorosos da Europa (BRUNNER; KUHN, 2018; HERCOG; SANDOZ, 2018). No entanto, a lei forneceu padrões mais claros sobre os requisitos de idioma, o que melhorou o caminho dos imigrantes para a nacionalidade e um futuro seguro na Suíça.

Pontuando 50, na escala de 100 pontos do MIPEX (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), a maioria das políticas suíças cria um número igual de oportunidades ao de obstáculos para que os imigrantes de fora da UE participem plenamente da sociedade local, sendo que as políticas de integração da Suíça estão de 7 a 8 pontos abaixo da média dos países da Europa Ocidental/OCDE (como a França, Alemanha, Itália e Reino Unido) e perpetuam uma exclusão histórica de imigrantes (RUEDIN et al., 2015).

Ainda segundo destaca o relatório do MIPEX 2020, (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), as vítimas de discriminação são menos protegidas e apoiadas na Suíça do que em qualquer outro país do continente, sendo que os

cidadãos não pertencentes à UE no país têm menos probabilidade de se reunir com sua família, desfrutar de um status seguro ou se tornar um cidadão pleno. Dependendo do cantão, os imigrantes de fora da UE têm opções muito diferentes para o mercado de trabalho, vida pública, educação e treinamento e serviços de saúde (SOLANO; HUDDLESTON, 2020). Ainda dentro de uma visão geral, a abordagem da Suíça à integração é classificada pelo MIPEX como “integração temporária”. Cidadãos estrangeiros podem se beneficiar de algum apoio direcionado para a igualdade de oportunidades, mas não desfrutam da segurança de longo prazo para se estabelecerem na Suíça permanentemente, investir na integração e participar como cidadãos plenos. Cidadãos não pertencentes à UE ficam mais inseguros do que em quase todos os 52 países do MIPEX 2020, sendo a Suíça classificada na antepenúltima posição desse quesito (segurança), ao lado da Áustria e da Dinamarca, e pontuando 18/100 (SOLANO; HUDDLESTON, 2020).

Como a Suíça é o único país europeu no MIPEX 2020 sem uma lei nacional contra discriminação ou um órgão de igualdade para ajudar as vítimas, os cidadãos nativos são levados a encararem os imigrantes como estrangeiros, e não como iguais (SOLANO; HUDDLESTON, 2020). Já a mobilidade no mercado de trabalho, segundo o relatório MIPEX 2020 (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), é ligeiramente favorável, sendo que os cidadãos de fora da UE com direito ao trabalho podem ter acesso ao trabalho autônomo, serviços públicos de emprego, assistência social, educação e formação, incluindo cursos de línguas, enquanto residentes e suas famílias têm acesso a bolsas de estudo e ao pleno mercado de trabalho. No entanto, trabalhos como o de Zschirnt (2020) e Fibbi (2022) apontam para evidências de discriminação de raça e cor de pele na hora de contratar. Ainda segundo Solano e Huddleston (2020), as políticas antidiscriminação parecem ter um impacto de longo prazo na reformulação das atitudes públicas, conscientização sobre discriminação, relatórios, confiança e outros resultados de integração.

As políticas de reunificação familiar encontram-se também em um nível intermediário no ranking MIPEX, no qual as famílias não pertencentes à UE enfrentam alguns dos procedimentos de reunificação familiar menos favoráveis,

classificando a Suíça abaixo da média dos países da UE/OCDE, dentre os 10 piores internacionalmente, juntamente com a Áustria, a Alemanha e a França. Portanto, segundo Solano e Huddleston (2020), cidadãos não pertencentes à UE não podem se inscrever para toda a família nuclear e enfrentam alguns dos requisitos mais restritivos do mundo desenvolvido, enquanto os membros da família reunida podem depender de seu patrocinador por anos (RUEDIN et al., 2015).

No tocante às políticas de educação, saúde e participação política, a Suíça também demonstra um nível intermediário de integração dos imigrantes na sociedade e, segundo Solano e Huddleston (2020), os cantões suíços estão adaptando as escolas às necessidades e benefícios de uma sala de aula diversificada, com orientação direcionada, treinamento e suporte linguístico, mesmo sabendo que contam com 25% do país oriunda do estrangeiro (CONFERDERAÇÃO SUÍÇA, 2022). Inspiradas pelo direito universal de acesso à saúde, a Suíça apresenta um programa líder mundial, por meio de serviços acessíveis e bastante responsivos para todas as categorias de migrantes, incluindo o site multilíngue *migesplus.ch*, o Centro INTERPRET e o serviço telefônico para interpretação comunitária, redes nacionais como a *Swiss Hospitals for Equity Network*, módulos de treinamento e de pesquisa e monitoramento. Já no tocante à participação política, sobretudo em alguns cantões, como *Appenzell Ausserrhoden, Basel-Stadt, Fribourg, Genebra, Graubunden, Jura, Neuchâtel, Vaud*, tem crescido para a população de imigrantes (SOLANO; HUDDLESTON, 2020).

Ainda referente às políticas de obtenção de residência permanente, a Suíça se encontra abaixo da média dos países da UE/OCDE, dentre os 10 últimos lugares internacionais, sendo a obtenção de residência um processo moroso e exigente, gerando uma relativa insegurança à maioria dos cidadãos não pertencentes à EU, segundo Solano e Huddleston (2020). Do mesmo modo, o acesso à nacionalidade também apresenta políticas ligeiramente desfavoráveis aos imigrantes, seus filhos e até mesmo seus netos. Galeano et al. (2022) também aponta para evidências de que, diante das dificuldades na obtenção de vistos de residência, alguns imigrantes de países em desenvolvimento, optam por migrarem para outros países europeus.

3. Metodologia ou Material e Métodos

Para a realização do presente trabalho, realizou-se uma pesquisa multi-métodos (quantitativa e qualitativa), de caráter exploratório e descritivo (SNYDER, 2019). Uma vez que se pretende traçar um quadro sobre a imigração brasileira na Suíça, faz-se necessário: (i) identificar o perfil socioeconômico desse migrante, e (ii) identificar fatores motivacionais para a migração, bem como as principais dificuldades e necessidades da comunidade de expatriados local.

Para se atingir esses propósitos, foi realizada uma *survey*, cujo questionário foi veiculado em grupos do Facebook, LinkedIn e Whatsapp que congregassem brasileiros na Suíça, contendo 19 perguntas para evidenciar o perfil socioeconômico dos respondentes. Além disso, o questionário ainda propunha mais cinco questões abertas onde os respondentes poderiam expor suas razões, motivações e dificuldades relativas a seu processo migratório e assimilatório na sociedade suíça. Foi recrutado um total de 617 respondentes, por meio de diversas chamadas nos grupos de Facebook. No início do questionário constava uma observação sobre sua conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados. Para o recrutamento de respondentes nos grupos de Facebook, inicialmente foi solicitada a permissão de realização da pesquisa a seus administradores, e somente após seu aceite foi iniciada a coleta de dados, que ocorreu entre fevereiro de 2020 e janeiro de 2021.

Já no caso da coleta de dados de mensagens enviadas pelo LinkedIn, inicialmente foi solicitada a conexão aos potenciais respondentes, sendo enviadas 300 mensagens diretas às conexões, que tiveram uma taxa de resposta de 22%. A estratégia, nesse caso, era fazer uma busca utilizando-se “todos os filtros” a localização “Suíça”, acrescentado dos filtros “pessoas” (retirando assim, páginas, anúncios etc.), “perfil em português”. Cerca de 27.000 resultados emergiram, mas, mesmo assim, estava claro que nem todos eram brasileiros (mas sim lusófonos).

Foram elaborados textos customizados para postagem no *feed* de notícias dos grupos, e para convidar os integrantes dos grupos a participarem dessa pesquisa acadêmica. Para o destaque das postagens foram utilizadas imagens com bandeiras da Suíça e Brasil, assim como outros elementos gráficos que

chamassem a atenção e engajamento de respondentes. Ao todo foram realizadas 328 chamadas nos grupos de Facebook selecionados. Foi fundamental torná-lo mais atrativo com a inserção de imagens de fundo com a bandeira do Brasil e da Suíça. Para alavancar o grau de respostas, os pesquisadores identificaram os membros mais ativos do grupo, sendo solicitados por *inbox* que respondessem ao questionário e divulgassem para os contatos de sua rede de relacionamentos. Ressalta-se que houve filtro para evitar que a mesma pessoa respondesse mais de uma vez o questionário.

Os pesquisadores basearam-se no trabalho de Baltar e Icart (2013) para definir a técnica de amostragem como sendo não probabilística por adesão. A seguir, são descritos em detalhe os procedimentos metodológicos adotados para minimizar vieses nas respostas.

3.1 Cálculo Amostral

Segundo dados oficiais do Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2020), havia à época cerca de 75.800 brasileiros residentes na Suíça, sendo dados estimados pelas embaixadas, e, portanto, não incluídos os migrantes em situação irregular. Mesmo sabendo que esta estimativa ignorou os irregulares, para o cálculo amostral arbitrou-se um grau de confiança de 95% e margem de erro de 4%, chegando-se a um tamanho de amostra mínimo de 599 brasileiros na Suíça (BARTLETT II et al., 2001; HAIR, 2006), sendo a amostragem intencional por adesão.

Para realizar a coleta de dados, os pesquisadores cadastraram-se em 21 grupos do Facebook de brasileiros na Suíça, os quais totalizaram 202.564 brasileiros membros integrantes. Como muitos desses grupos são fechados, os pesquisadores tiveram que aguardar a aprovação dos administradores para poderem participar das conversas. Mesmo após concordância com a inclusão no grupo, as postagens também ficavam sujeitas à validação do administrador. Nesse caso, era feito um contato com os responsáveis pelo grupo via *inbox* (mensagem de texto exclusiva) para explicar o propósito do projeto de pesquisa, solicitando também ajuda na divulgação do link da *survey*, visando obter acesso a uma quantidade de respondentes que atingisse o mínimo cálculo amostral.

Outra estratégia adicional foi a de observar os membros mais ativos, com o maior número de postagens ou participações, enviando mensagens exclusivas e solicitando seu apoio, tanto no sentido de responder ao questionário quanto para divulgá-lo. Os questionários ficaram disponíveis por oito meses nos grupos de brasileiros na Suíça, visando-se atingir as metas de respostas determinadas pelo cálculo amostral.

Ressalta-se que foi conduzido um teste para verificar se as informações encontradas sugeririam algum viés relativo ao método utilizado (postagens no Facebook). Portanto, buscou-se uma variável de fácil acessibilidade - o perfil etário. Neste caso, foi calculado o coeficiente de correlação (KREMER et al., 2019) entre os respondentes da *survey* e: (i) o perfil do brasileiro de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD 2019 (IBGE, 2019); e (ii) o perfil do brasileiro no Facebook (CUPONATION, 2019). O resultado do teste indicou que o perfil etário da *survey* guarda maior similaridade ao perfil do brasileiro, apresentando correlação negativa de 0,63 com o perfil do IBGE e positiva de 0,17 com o perfil do brasileiro no Facebook. Destaca-se que a amostra extrapolou o mínimo estipulado de 599, atingindo um total de 617 respondentes.

3.2 Análise dos dados

Durante a coleta de dados, respeitou-se o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia, (RGPD-UE 2016/679), a qual exige um tratamento de confidencialidade de dados sensíveis durante seu processamento. Além disso, o projeto de pesquisa guarda-chuva foi inscrito na plataforma Brasil, sob o protocolo CAAE - 64516622.5.0000.5283.

No tocante à análise, primeiramente foi empregada a estatística descritiva dos dados agregados do perfil sociodemográfico dos questionários (ver tabelas 1 e 2). Já para análise das respostas a questões abertas foi realizada uma codificação (agrupamento) e quantificação de causas atrativas ao destino (Suíça) e causas repulsivas que impulsionaram a emigração de brasileiros (ver tabela 3). Já para as questões relativas à migração, foram divididos e codificados os aspectos sociais e coletivos e os aspectos pessoais (tabela 4) e questões sobre a migração agrupadas e codificadas em profissionais e questões de vida (tabela 5), e por fim

uma quantificação das principais dificuldades de adaptação (tabela 6). Todos os resultados foram contrastados com a literatura acadêmica existente e com os insights do relatório MIPLEX 2020 (SOLANO; HUDDLESTON, 2020).

4. Resultados e discussão

O perfil sociodemográfico da amostra caracterizou-se, por indivíduos de perfil etário mais maduro, estando a maioria dos respondentes (44,6%) na faixa de 31 a 40 anos, o que denota a tendência para um grupo economicamente mais ativo, corroborando com Steiner e Wanner (2019), ao observarem migrantes de outras nacionalidades. Já quanto ao sexo, a amostra teve predominância feminina (78,2%), corroborando com Hoffman (2009) e Schuler e Dias (2014). Trata-se da maior diferença entre homens e mulheres já encontrada nas pesquisas dos presentes autores. O segundo país onde havia a maior quantidade de mulheres foi a Alemanha, com 76,9%. A Tabela 1 sumariza o perfil dos respondentes.

Tabela 1. Perfil dos respondentes

SEXO		FORMAÇÃO - NO BRASIL	
Feminino	78,20%	Ensino fundamental	3,60%
Masculino	21,80%	Ensino médio	17,00%
IDADE		Graduação	41,60%
Até 20	0,30%	Pós-Graduação - Lato Sensu	23,90%
21 a 30	18,40%	Mestrado	10,30%
31 a 40	44,60%	Doutorado	3,40%
41 a 50	27,20%	Como saiu do Brasil?	
Mais de 51	9,50%	Com visto de estudante	9,70%
O que está fazendo atualmente?		Com visto de trabalho	13,80%
Buscando oportunidades para abrir um negócio	1,10%	Casada(o) ou para casar-se com suíço(a) ou parceiro(a) que vive na Suíça	25,70%
Buscando oportunidades para trabalhar	6,70%	Com visto de turista	12,60%
Somente cuidando da casa e/ou da família	8,90%	Já tinha cidadania europeia ou para reivindicar a cidadania	23,30%
Cuidando da casa, trabalhando e/ou estudando	22,10%	Para acompanhar marido ou esposa que obteve emprego na Suíça	14,60%
É empresário	5,70%	Visto de rendas próprias	0,30%
Fazendo trabalho voluntário	1,00%	Quanto tempo pretende ficar?	
Só estudando	4,80%	Menos de 1 ano	3,00%
Só trabalhando	33,90%	Entre 1 e 5 anos	12,50%
Trabalhando e estudando	15,40%	Mais de 5 anos - pretendendo voltar	8,90%
Vivendo de renda	0,30%	Para sempre	37,90%
Há quanto tempo está na Suíça?		Não sei	37,90%
Menos de 1 ano	12,00%	Pretende abrir um negócio?	
Entre 1 e 4,9 anos	40,80%	NAO	72,10%
Entre 5 e 9,9 anos	18,40%	SIM	27,90%
Mais de 10 anos	28,90%	Onde fez sua graduação?	
Em uma universidade na Suíça	5,5%	Em uma universidade privada no Brasil	52,7%

Universidade no exterior - Não na Suíça	6,7%	Em uma universidade Pública no Brasil	35%
---	------	---------------------------------------	-----

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que as mulheres elevam a média de idade, que é de 39,27 anos. Já os homens, ao contrário, rebaixam a média de idade para 35,88 anos (ver Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição por idade

	Todos	Mulheres	Homens
Até 20	0,3%	0,4%	N/A
21 a 30	18,4%	15,7%	27,8%
31 a 40	44,6%	43,2%	49,6%
41 a 50	27,2%	29,1%	19,5%
Mais de 51	9,5%	11,5%	3,0%

Fonte: Elaboração própria.

Relativo ao seu perfil de escolaridade, a maioria da amostra apresentou no mínimo a graduação completa (86,2%), havendo um considerável percentual de pós-graduados (34,9%), denotando uma amostra bem qualificada em termos educacionais. Ainda relativo à sua escolaridade, a maioria dos respondentes cursou universidades brasileiras (87,7%), sendo 52,7% oriunda de universidades privadas e 35% de universidades públicas. Tal resultado corrobora com o que foi discutido por Seminario (2018), no contexto da idealização em torno da migração altamente escolarizada para países do Norte Global, com o intuito de consumir uma ascensão profissional e um ideal de sucesso de carreira que não pode ser experimentado totalmente em nações subdesenvolvidas da América Latina, a exemplo do Brasil e do Peru. O que não se sabia até então era que homens e mulheres dividiam igualmente essas expectativas de sucesso envolvendo a migração de cérebros, haja vista que o estudo de Seminario (2018) contemplou apenas mulheres e sua negociação identitária laboral entre fronteiras.

No que diz respeito à distribuição geográfica dos respondentes, a Figura 1 apresenta esta informação de acordo com os Cantões (Estados) suíços.

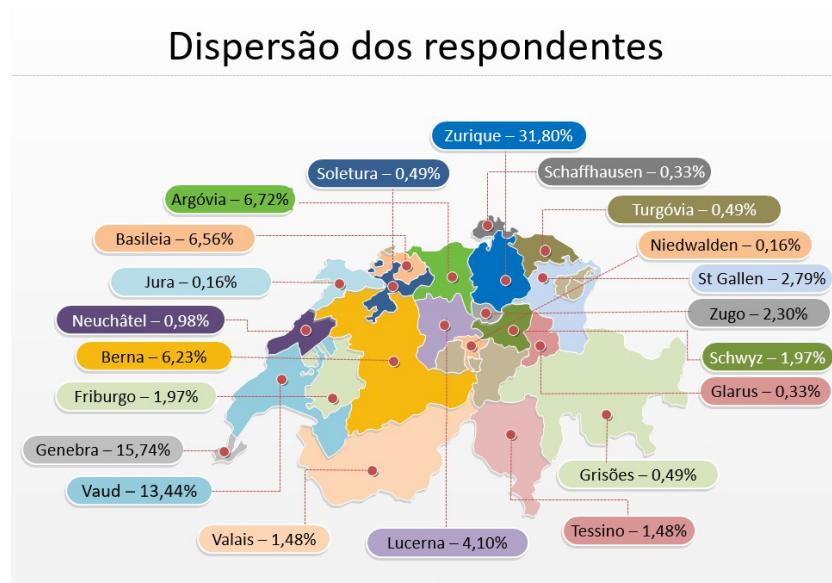


Figura 1. Dispersão dos respondentes da *survey*

Apesar dos números relativos ao perfil educacional, é imprescindível comentar que o fato de a amostra dos respondentes ter, em sua maioria, curso superior completo, não significa que o nível de escolaridade garanta acesso ao mesmo nível de emprego quando migram para países do “Primeiro Mundo”, o que é corroborado por Baeckert (2020), nas 50 entrevistas que conduziu com brasileiras na Suíça, e também por Chen (2021), no contexto de chinesas que sofrem discriminação em face à sua posição social e familiar, em casamentos binacionais com suíços, tendo de abandonar a profissão para se dedicarem ao lar, numa franca dualidade entre papéis sociais de gênero na sociedade anfitriã.

Já ao se analisar o tempo de permanência no país, até a data da pesquisa, é possível destacar alguns elementos. Em primeiro lugar, que 47,2% dos respondentes residiam na Suíça há mais de cinco anos, evidenciando não se tratar de uma migração tão recente. Ademais, evidenciou-se que as mulheres, em geral, estão estabelecidas há mais tempo na Suíça do que os homens, compondo a faixa com mais respostas no estrato “entre 1 e 4,9 anos de permanência no país” (40,8%). No entanto, entre as mulheres, a faixa “mais do que 10 anos” destaca-se também, com 32,3%. No caso dos homens, a faixa de destaque é a mesma dos dados gerais da amostra – entre 1 e 4,9 anos –, mas com um percentual bem maior (52,6%).

Tais resultados da *survey* são corroborados pela literatura existente, a qual evidencia o fenômeno do turismo afetivo e a feminização da migração brasileira para a Suíça (RITTINER, 2014). Grande parte das mulheres relata casar-se para permanecer legalmente no país, o que gera uma experiência negativa em torno da migração feminina vinda do Sul Global (HUBER, 1996). No bojo do turismo afetivo, nem sempre são elas quem escolhem o país para onde irão emigrar, pois acabam indo morar no exterior devido ao perfil do parceiro, o qual pode ser um nativo, um cônjuge de outra nacionalidade ou até mesmo um cônjuge brasileiro, que é transferido para o país com um contrato de expatriação ou de trabalho local (BAECKERT, 2020).

Outro ponto que também afeta a permanência das brasileiras na Suíça, mesmo diante do rompimento da relação conjugal com nativos, é o fato de que, quando esta assume a maternidade no contexto migratório, a lei suíça protege a guarda e a cidadania do menor, aumentando a sensação de cerceamento de liberdade da mulher, que muitas vezes gostaria de voltar para sua pátria natal, mas acaba tendo de ficar para não perder o contato com o(s) filho(s) (BAECKERT, 2020). Nesse sentido, observa-se nova pressão identitária sobre a feminilidade no processo migratório, dessa vez no âmbito da interseccionalidade entre ser mulher, migrante e mãe de filho não brasileiro.

Ainda quanto à pretensão de retornar ao Brasil, a Tabela 3 aponta que 24,3% dos respondentes pretendem voltar. Em contrapartida, a maioria (75,7%) pretende ficar por tempo indefinido. Corroborando com esses dados, as entrevistas de Baeckert (2020) com os migrantes brasileiros na Suíça levam a crer que, mais uma vez, o fato de migrarem para o país para formar família, fazem dessa migração um caminho muitas vezes sem volta. Ainda se observa que há mais mulheres com intenção de ficar indefinidamente no país do que homens (39,2% para mulheres e 33,1% para homens). Ademais, a grande maioria (77,7%) está morando no país com suas famílias, enquanto 13,6% moram sozinhos, e 7% dividem apartamento com amigos, o que reforça mais uma vez o fato de a migração brasileira ser, em grande maioria, por casamento, corroborando as evidências de Falk (2019) em prol da crescente feminização do movimento de atração migratória da Suíça.

Consoante a isso, um percentual considerável dos respondentes (sobretudo mulheres) declarou ter saído do Brasil para casar ou acompanhar o cônjuge expatriado (40,3%). Já os demais, respectivamente, declararam ou que possuíam ou que pleiteavam cidadania Europeia (23,3%), que saíram com visto de trabalho (13,8%), visto de turista (12,6%) ou de estudante (9,7%). Por outro lado, uma parte considerável dos respondentes (33,9%) está apenas trabalhando, sendo que outros 15,4% estão conciliando trabalho e estudo. Chama também atenção a quantidade de respondentes que afirmaram estar apenas cuidando da casa (8,9%) ou estudando e cuidando da casa (22,1%). Tais evidências contrastam com os resultados de Galeano *et al* (2022), os quais afirmam que entre migrantes de países em desenvolvimento, a naturalização suíça ou obtenção de visto permanente tem grandes chances de desencadear re-migração para outras nações europeias, quando comparada à naturalização concedida a outros grupos étnicos residindo no país, os quais tendem a adotar um comportamento de menor mobilidade, a menos que apresentem desempenho econômico insatisfatório e não possuam laços familiares na Suíça.

4.1 Sobre a migração

Os principais aspectos identificados nas perguntas abertas “O que te atraiu na Suíça” e “Por que deixou o Brasil?”, gerando os seguintes códigos de classificação (ver tabela 3):

Tabela 3. Causas da migração

Causas atrativas (ca) para migração de Brasileiros para Suíça		Causas repulsivas (cr) para emigração do Brasil	
Oportunidade de estudar línguas	ca1	Descontentamento com o Brasil	cr1
Oportunidade de estudo – graduação, mestrado ou doutorado	ca2	Distanciamento de brasileiros ou da cultura brasileira	cr2
Constituir família com parceiro(a) estrangeiro(a)	ca3	Buscar melhor qualidade de vida (para si), tentando se empregar	cr3
Oportunidade de viver com ou próximo de parentes ou amigos	ca4		
Proposta de emprego	ca5	Buscar melhor qualidade de vida (para a família)	cr4
Acompanhar cônjuge expatriado(a)	ca6		

Fonte: Elaboração própria.

As respostas foram lidas, avaliadas e classificadas conforme códigos da Tabela 3. Cabe ressaltar que muitas delas foram classificadas em mais de um código. Por exemplo, uma resposta como “Para tentar uma vida melhor para

minha filha. Menos violência, melhor educação” foi classificada como ‘ca2’ (oportunidade de estudo – graduação, mestrado ou doutorado) e como ‘cr3’ (buscar melhor qualidade de vida para si ou tentar empregar-se).

Por meio desses códigos, identificou-se que 67% das classificações (n=471) foram realizadas em causas atrativas e 33% em causas repulsivas (n=229). As principais causas atrativas foram ‘ca3’, isto é, constituir família com parceiro(a) estrangeiro(a), com 29% das classificações (n=201), e ‘ca5’ (proposta de emprego) com 16% das classificações (n=110). As principais causas repulsivas foram a ‘cr1’ (descontentamento com o Brasil), com 16% (n=115), e ‘cr3’ (buscar melhor qualidade de vida para si, tentando empregar-se) com 12% (n=86).

Entre os homens, a principal causa atrativa foi a ‘ca5’ (proposta de emprego), com 33% das classificações (n=52 para um número de homens total, equivalente a 157 respostas). Já para as causas repulsivas, a principal foi a ‘cr1’ (descontentamento com o Brasil), com 26% das classificações (n=41). Nota-se aqui que a migração do homem brasileiro para a Suíça dá-se de outra forma em comparação com a da mulher, posto que eles geralmente são representantes de uma classe média mais alta, que teve acesso ao ensino e consegue um contrato de trabalho como expatriado ou em uma empresa suíça com contrato fixo.

Há também o homem de uma classe mais baixa, que embarca de forma vulnerável com promessas de trabalho nem sempre existentes. Esses homens também se tornam vulneráveis em países estrangeiros, por não conhecerem as leis, o idioma, e muitas vezes por se tornarem até mesmo vítimas do tráfico de seres humanos (ZUFFEREY et al., 2021).

Entre as mulheres que responderam ao questionário, a causa atrativa ‘ca3’ (constituir família com parceiro estrangeiro) teve uma maior relevância, com 36% das classificações (n=193 para um número de mulheres total de 543 respostas). Não é surpresa que o Brasil vem sofrendo êxodo histórico devido ao descontentamento da população, que muitas vezes vê no aeroporto uma “saída” literal e figurativa para uma melhor qualidade de vida incentivada pelas políticas sociais suíças, as quais apoiam financeiramente seus cidadãos em dificuldade, além de oferecer escola gratuita, material escolar, e oferecer um ambiente seguro para o núcleo familiar.

A esse respeito, os migrantes são atraídos pela falsa impressão de que poderão integrar-se na cultura local e gozar de todos os direitos dos cidadãos nativos, incluindo os direitos políticos, em virtude de uma imagem de grande participação popular na vida pública e de *welfare state*. Todavia, Perkowska (2020) demonstrou em sua análise cronológica da legislação migratória suíça entre 1968 e 2018 – transição entre o “Império anti-estrangeiro” (tradução nossa) e o período da “migração moderada”, limitada pelas cotas para determinados grupos étnicos –, o quanto a opinião popular dos nativos influencia a política migratória com um discurso contrário à migração em massa, apresentando os argumentos partidários do governo que encorajaram as pessoas a votarem a favor da interrupção do massivo fluxo migratório.

Os resultados mostraram que os migrantes foram associados a um quadro de instabilidade socioeconômica que poria em risco a qualidade de vida do nativo, sendo corresponsáveis pela inflação do mercado imobiliário, pelo agravamento da crise ambiental, pela escassez de postos de trabalho, pelo colapso do sistema de seguridade social e asilo público a idosos e aumento dos níveis criminalidade (PERKOWSKA, 2020).

Em contrapartida, a população local era incitada a preservar a identidade, a cultura e a religião nacionais num excessivo patriotismo que protegeria o país da ameaça migrante, campanha que foi bem-sucedida e culminou com uma emenda constitucional e a implementação de iniciativas em favor da contenção migratória (PERKOWSKA, 2020). Estudo similar constatando que a diversidade e miscigenação étnica contribuem para um maior sentimento anti-imigração nos votos do povo suíço foi conduzido por Brunner e Kuhn (2018).

Assim, verifica-se que o (a) brasileiro (a), assim como outros migrantes na Suíça, pode até gozar do acesso a serviços públicos gratuitos, fato que é encarado como uma causa atrativa, mas fica imerso numa eterna insegurança em relação à sua estabilidade e real pertencimento na sociedade receptora. O artigo de Pfrirter (2019) ilustra bem esse aspecto ao avaliar arquivos de processos do *Federal Supreme Court* nos quais autorizações de permanência para migrantes foram revogadas devido ao recebimento de assistência social fornecida pelo governo, corroborando a associação entre o controle migratório e os instrumentos de bem-

estar social praticados no país. O estudo denuncia as diversas notificações e advertências de revogação do visto de residência permanente dirigidas a migrantes na Suíça que dependem da assistência social, salientando o quanto o excesso de burocracia e papelada para “garantir a ordem e eficiência da máquina pública” em países desenvolvidos terminam por (re)produzir práticas de exclusão e anti-cidadania perante o público migrante.

Uma vez que as causas atrativas superaram as causas repulsivas, chega-se à segunda questão aberta, exclusivamente voltada para questões de atratividade pelo país: “Por que A SUÍÇA te atraiu?”. Após a leitura das respostas foram gerados os seguintes códigos de classificação, esboçados na Tabela 4.

Tabela 4. Aspectos da migração

Aspectos sociais (as) ou coletivos		Aspectos pessoais (ap)	
Qualidade de vida melhor	as1	Casamento	ap1
Segurança	as2	Oportunidade de trabalho (pessoal) recebida ou para tentar achar trabalho	ap2
Organização local – Estado que “funciona”	as3		
Educação	as4	Oportunidade de trabalho (cônjuge)	ap3
Cultura local, incluindo facilidade com o idioma	as5	Escolha da família	ap4
Facilidade de migrar (ancestralidade ou política de Estado)	as7		

Fonte: Elaboração própria.

Ao avaliar e classificar as respostas para esta questão, identificou-se que 69% delas estavam vinculadas a aspectos sociais, enquanto apenas 31% voltavam-se a aspectos pessoais. A Suíça todos os anos se insere nos primeiros lugares do ranking de qualidade de vida mundial. Aliado a isso, os altos salários pagos aos profissionais e o nível de segurança são importantes atrativos para brasileiros decepcionados com o próprio país ou para pessoas que querem uma experiência internacional. Ademais, o país conta com um número grande de empresas importantes no cenário econômico e científico global.

Dentre os aspectos sociais mais citados estão aqueles ligados à qualidade de vida melhor (as1), com 15% de respostas (n=120), e à segurança (as2), com 13% das respostas (n=107), mais aspectos voltados à organização local – Estado que “funciona” (as3), economia e custo de vida (as6) e facilidade para migrar por ancestralidade ou política de Estado (as7) também tiveram 10% de respostas cada.

Sair de um Brasil violento e migrar para um país pacífico como a Suíça, onde crianças de quatro anos vão sozinhas à escola, parece uma miragem para muitos brasileiros. De acordo com o Índice de Paz Global 2020, do Instituto de Economia e Paz (IEP), a Suíça é o décimo país mais seguro do mundo (ISLAS, 2021). Ademais, o processo de entrada por ancestralidade é um grande facilitador, pois mesmo quem chega sem emprego é respaldado pelo sistema suíço, enquanto um brasileiro comum, que não tenha esse passaporte, não poderia ficar no país por mais de três meses sem provar que tem trabalho, fato que ressalta novamente o patriotismo no movimento migratório de retorno expatriados ou descendentes de nativos.

Em contrapartida, o aspecto pessoal mais citado foi o ‘ap2’ (oportunidade de trabalho, pessoal, recebida ou para tentar achar trabalho), com 15% das respostas (n=116). Quando se avalia as respostas das mulheres, além de os aspectos sociais 1 e 2 continuarem predominando, o aspecto pessoal mais citado foi o ‘ap2’ (pela oportunidade de trabalho recebida ou para tentar achar trabalho), com 12% das respostas (n=71).

Diante da caracterização dos perfis de migrantes mulheres, Schuler e Dias (2014) afirmam que as brasileiras casadas vivendo na Suíça podem seguir duas trajetórias mais comuns: (i) as que conhecem seus maridos (em férias) no Brasil. (ii) as que decidem migrar por conta própria, seja como turistas ou trabalhadoras informais, visando trabalhar e casar, muitas vezes até para enviar dinheiro para a família em solo brasileiro.

Alternativamente, há milhares de brasileiras que tentam a sorte como babá (*au pair*) ou doméstica (BAECKERT, 2017), o que faz com que muitas delas entrem com visto de turista, permanecendo por anos até conseguirem regularizar-se, seja por meio de matrimônio ou conquistando sua independência financeira por meios próprios. Com esse propósito, muitas deixam a família e os filhos em busca de uma vida melhor (SCHULER; DIAS, 2014). Em geral, por trás do sonho do “príncipe encantado”, há a realidade de um grande choque cultural vivenciado por elas, ou de casamentos subservientes, confinados, e com dependência financeira do marido (HUBER, 1996).

A última questão aberta voltada sobre a migração diz respeito ao propósito de vida do migrante brasileiro na Suíça, sendo as respostas foram classificadas conforme Tabela 5.

Tabela 5. Questões sobre a migração

Questões profissionais (qp)		Questões de vida (qv)	
Aprender o idioma	qp1	Viver com tranquilidade e para sempre	qv1
Conquistar oportunidades pessoais de trabalho	qp2	Ter nova experiência internacional (pessoal) ou experimentar nova cultura	qv2
		Autoconhecimento	qv3
Formar-se, especializar-se ou conseguir entrar em um curso	qp3	Voltar ao Brasil	qv4
		Constituir família	qv5
Acúmulo de renda	qp4	Apoiar a família ou criar os filhos	qv6
Empreender	qp5	Viajar	qv7

Fonte: Elaboração própria.

Das respostas, 49% delas foram classificadas como questões profissionais, sendo a principal ocorrência a ‘qp2’ (conquistar oportunidades pessoais de trabalho), com 29% de frequência (n=240). No que diz respeito a questões de vida, 30% (n=255) foram classificadas como ‘qv1’ (viver com tranquilidade e para sempre). Como tais proporções não mudam quando se analisam as respostas de homens e mulheres em separado, observa-se novamente uma alta expectativa em relação a uma colocação competitiva no mercado de trabalho estrangeiro pelos brasileiros com nível educacional universitário adquirido no Brasil.

Quando isso não ocorre, a migração vem acompanhada de um forte sentimento de frustração profissional, principalmente no caso das mulheres que não conseguem continuar exercendo suas profissões de origem no exterior, cobrando a si mesmas por uma alta ascensão profissional (BAECKERT, 2020), o que nos leva à Tabela 6, a qual demonstra as principais dificuldades apresentadas pelos respondentes desde a data de chegada ao país até a data de resposta ao questionário.

Tabela 6. Dificuldades de adaptação

Quais as principais dificuldades enfrentadas...	Quando chegou		Atualmente	
	%	N	%	N
Idioma	15,5%	102	7,2%	41
Clima	16,5%	109	18,3%	104
Diferença Cultural / Dificuldade para conhecer pessoas	3,8%	25	18,0%	102
Nenhuma	8,5%	56	6,2%	35
Burocracia local / Serviços estatais / Documentação e transporte	9,9%	65	18,0%	102

Conseguir trabalho ou melhorar profissionalmente	7,1%	47	7,6%	43
Ganhar dinheiro / Alto custo vida	3,3%	22	9,3%	53
Solidão / Saudade / Depressão	1,7%	11	4,6%	26
Legalização	0,3%	2	0,9%	5
Adaptação escolar (para si ou família)	0,8%	5	0,7%	4
Adaptação da família	4,1%	27	1,9%	11
Discriminação	0,5%	3	4,9%	28
Falta de opções de lazer	28,1%	185	2,5%	14

Fonte: Elaboração própria.

Conforme aponta a Tabela 3, clima (18,3%), adaptação cultural e dificuldade para conhecer pessoas (18%) estão entre as maiores dificuldades elencadas no questionário, apesar de não serem exclusivas dos nossos conterrâneos. Os expatriados de forma geral adoram a qualidade de vida da Suíça, mas continuam detestando a dificuldade de se estabelecer e fazer amigos, segundo aponta a pesquisa anual denominada *Expatri Insider 2021* (STEPHENS, 2021). De acordo com ela, o país apresenta o melhor desempenho no índice de qualidade de vida (9º lugar geral), embora 26% dos entrevistados não estejam satisfeitos com suas atividades de socialização e lazer no país (versus 18% globalmente).

Ainda, não é surpresa que as baixas temperaturas do país e a pouca quantidade de sol incomodem os brasileiros, oriundos de um país tropical. É interessante notar que o incômodo inclusive cresce com o tempo de permanência, passando de 16,5% para 18,3% – provavelmente porque a pessoa se deixa atingir mais fortemente com a maior exposição. Não obstante, no quesito idioma, nota-se que os brasileiros de alguma forma conseguem se aperfeiçoar com o passar do tempo, mesmo levando-se em consideração que há quatro línguas oficiais na Confederação Suíça: o alemão, o francês (22,5 % da população), o italiano (8,1%) e o romanche (0,5%, utilizado apenas em dois cantões) e que grande parte dos brasileiros oriundos de contextos menos favorecidos não detêm proficiência em nenhuma dessas línguas anteriormente à chegada no país (QUEVEDO-CAMARGO, 2019).

Diferentemente do que foi apontado por Stingl (2021), Chen (2021) e Chau e Schwiter (2021) a respeito da discriminação sofrida por diversos migrantes tanto nas relações interpessoais quanto no mercado de trabalho, essa não foi uma

reclamação recorrente dos brasileiros atualmente residentes no país (4,9%). É interessante observar inclusive que com pouco tempo de permanência o problema deixa de ser perceptível. Tal achado corrobora o fato de a etnia brasileira estar em segundo lugar na preferência dos matrimônios binacionais com migrantes latinas, conforme informou Hoffman (2009) e Schuler e Dias (2014), mas também sugere que se leva tempo para perceber os sutis mecanismos do ato discriminatório do povo suíço, os quais englobam desde a demora na tratativa de validação de diplomas às barreiras culturais que dificultam a inserção social de migrantes (JAEGGER et al., 2019).

5. Considerações Finais

Lembrando que o objetivo do presente trabalho foi o de evidenciar o perfil sociodemográfico, motivações e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes brasileiros em seu estabelecimento na Suíça, elencando causas atrativas e causas repulsivas que os levaram a emigrarem do Brasil para Suíça, foram evidenciados diversos aspectos do fenômeno desta migração, tais como: uma predominância feminina, bem escolarizada e acima de 31 anos de idade, cujas estratégias de migração estão ligadas ao matrimônio, visto de estudante e/ou entrada como turista. No que concerne à população masculina, a estratégia de migração mais adotada foi a obtenção de visto de trabalho ainda em solo brasileiro. Para ambos os sexos, foram relatadas como dificuldades de adaptação àquelas relativas ao idioma e à cultura, além do clima e capacidade de socialização, o que ainda se adiciona às dificuldades existentes diante das políticas de integração de imigrantes no país (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), sendo que a intenção migratória da maioria é permanecer no país por tempo indeterminado.

Tais achados possibilitaram compreender mais a fundo o chamado fenômeno de “feminização das migrações”, oposto ao movimento do início da imigração brasileira, quando a família permanecia em território nacional e o pai viajava para o exterior com a finalidade de sustentar sua família (OLIVEIRA ASSIS; PADILLA, 2019). Ademais, lançou-se luz sobre diversos aspectos concernentes à xenofobia e discriminação experimentadas por grupos étnicos minoritários na sociedade suíça, o que é corroborado pelo relatório MIPEX 2020

no tocante às políticas públicas antidiscriminação (SOLANO; HUDDLESTON, 2020), em contraste a um aparente privilégio vivido por brasileiros e brasileiras que não sofrem (ou não parecem perceber) os efeitos velados da hostilidade perante o gozo de direitos constitucionais pelo cidadão estrangeiro.

Um desses efeitos constitui-se como barreira de ocupação em cargos mais especializados do mercado de trabalho mesmo quando há capacitação técnica por parte da mão de obra migrante, o que impacta a percepção de pertencimento e integração na comunidade suíça, especialmente no contexto da migração de cérebros oriunda de contextos latino-americanos que migram para estudar e perseguir uma carreira bem-sucedida no exterior, também apontado como barreira na dimensão mobilidade no trabalho no relatório MIPLEX 2020 (SOLANO; HUDDLESTON, 2020).

A pesquisa, no entanto, apresenta limitações metodológicas, relativas à amostragem por conveniência, onde indivíduos com um perfil majoritário de graduação completa possivelmente estariam mais aptos ou interessados em responder questionários desse tipo, devido ao seu grau de escolaridade. De toda maneira, foram tomados cuidados no sentido de evitar o enviesamento amostral ao se realizar centenas de chamadas a resposta em 21 grupos do Facebook, complementados por respondentes do LinkedIn.

Como desdobramento para trabalhos futuros, sugere-se uma investigação mais atenta entre as políticas de integração de migrantes do governo suíço e as causas atrativas identificadas no perfil do contingente brasileiro. Outra possibilidade de estudos seria uma discussão mais aprofundada sobre os mecanismos de construção midiática em torno da imagem da Suíça como um local pacífico e de alta qualidade de vida para se viver, a despeito do tráfico humano, e das reais condições de integração e sobrevivência da população migrante no país (BAECKERT, 2019; ISLAS, 2021; ZUFFEREY et al., 2021).

Ademais, sugere-se um estudo baseado em entrevistas em profundidade, visando aprofundar o estudo de perfis, por meio de dados qualitativos como percepções, memórias ou expectativas, que pode subsidiar políticas de atração de imigrantes brasileiros, ou mesmo de mão de obra imigrante altamente

qualificada diante de um mercado de trabalho global cada vez mais aberto, internacionalizado e disputado.

6. Referências Bibliográficas

BAECKERT, Liliana Tinoco. Os sonhos das babás brasileiras ilegais na Suíça. **SWI Swissinfo.ch**, 06 set. 2017. Disponível em [http:// www.Swissinfo.ch/por/os-sonhos-das-babás-brasileiras-ilegais-na-suíça/6860228](http://www.Swissinfo.ch/por/os-sonhos-das-babás-brasileiras-ilegais-na-suíça/6860228)

BAECKERT, Liliana Tinoco. **Amores Internacionais: casei com um estrangeiro, e agora?** Paraná: Editora InVerso, 2020.

BAECKERT, Liliana Tinoco. Os subterrâneos do tráfico de brasileiros na Suíça. **SWI Swissinfo.ch**, 15 jan. 2019. Disponível em <https://www.Swissinfo.ch/por/sociedade/15-de-janeiro-de-2019-os-subterr%C3%A2neos-do-tr%C3%A1fico-de-brasileiros-na-su%C3%AD%C3%A7a/44679432>

BALTAR, Fabiola; ICART, Ignasi Brunet. Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. **Global Networks**, v. 13, n. 2, p. 200-220, 2013.

BARTLETT II, James E. et al. Organizational research: Determining appropriate sample size in survey research appropriate sample size in survey research. **Information technology, learning, and performance journal**, v. 19, n. 1, p. 43, 2001.

BOLZMAN, Claudio. The transnational political practices of Chilean migrants in Switzerland. **International Migration**, v. 49, n. 3, p. 144-167, 2011.

BRUNNER, Beatrice; KUHN, Andreas. Immigration, cultural distance and natives' attitudes towards immigrants: Evidence from Swiss voting results. **Kyklos**, v. 71, n. 1, p. 28-58, 2018.

CANGIA, Flavia et al. (Im) mobilities, waiting and professional aspirations: The career lives of highly skilled Syrian refugees in Switzerland. **Geoforum**, v. 125, p. 57-65, 2021.

CARNICER, Javier A. Transnational Migration and Educational Opportunities: A Case Study of Migration from Brazil to Germany. **London Review of Education**, v. 17, n. 1, p. 14-25, 2019.

CASADO, Renata et al. Brazilian immigrant entrepreneurs' support networks and bounded (mis) trust in Western Australia. **Population, Space and Place**, n.e2489, 2021.

CEBULKO, Kara. Privilege without papers: Intersecting inequalities among 1.5-generation Brazilians in Massachusetts. **Ethnicities**, v. 18, n. 2, p. 225-241, 2018.

CHAU, Huey Shy; SCHWITER, Karin. Who shapes migration in open labour markets? **Analysing migration infrastructures and brokers of circularly migrating home care workers in Switzerland. Mobilities**, v. 16, n. 5, p. 724-738, 2021.

CHEN, Yali. Gender discrimination in societal and familial realms: Understanding agency among Chinese marriage migrant women in Switzerland. **Asian and Pacific Migration Journal**, v. 30, n. 1, p. 18-38, 2021.

CONFEDERAÇÃO SUÍÇA. **A população – Fatos e números**, 2022. Disponível em: <https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/pt/home/gesellschaft/bevoelkerung/die-bevoelkerung---fakten-und->

[zahlen.html#:~:text=Atualmente%2C%20mais%20de%202%20milh%C3%B5es,e%20estrangeiros%20vivem%20na%20Su%C3%AD%C3%A7a](#)

CUPONATION. **Usuários do Facebook no Brasil e no mundo, 2019**. Web Page. Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights/facebook-users>

D'AMATO, Gianni et al. Today's migration-mobility nexus in Switzerland. In: **Migrants and expats: the Swiss migration and mobility nexus**. Springer, Cham, 2019. p. 3-20.

DIA, Ibrahima Amadou. The International Health Labor Migration to Switzerland: Key Challenges for Its Governance. **Journal of International Migration and Integration**, v. 20, n. 2, p. 437-458, 2019.

EBERL, Jakob-Moritz et al. The European media discourse on immigration and its effects: A literature review. **Annals of the International Communication Association**, v. 42, n. 3, p. 207-223, 2018.

EIHOLZER, Urs et al. The increase in child obesity in Switzerland is mainly due to migration from Southern Europe—a cross-sectional study. **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, p. 1-11, 2021.

FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz et al. Mixed embeddedness of Brazilian entrepreneurs in Toronto. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 27, n. 7, p. 1724–1750, 2021.

FALK, Francesca. **Gender innovation and migration in Switzerland**. Springer International Publishing, 2019.

FERNANDES, Duval et al. The fourth wave of Brazilian immigration in Portugal: a brief history. **Revista Latinoamericana de Poblacion**, p. 34-63, 2021.

FIBBI, Rosita et al. Hiring discrimination on the basis of skin colour? A correspondence test in Switzerland. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 48, n. 7, p. 1515-1535, 2022.

GALEANO, Juan et al. A Longitudinal Analysis of Naturalization and International Migration in Switzerland, 2011–2017. **Journal of International Migration and Integration**, v. 23, n. 2, p. 889-910, 2022.

HAENNI HOTI, Andrea et al. Psychosocial adaptation and school success of italian, portuguese and albanian students in switzerland: disentangling migration background, acculturation and the school context. **Journal of International Migration and Integration**, v. 18, n. 1, p. 85–106, 2017.

HAIR, Joseph F. (org.). **Multivariate data analysis**. 6th ed. Upper Saddle River, N.J: Pearson Prentice Hall, 2006.

HERCOG, Metka; SANDOZ, Laure. Selecting the highly skilled: norms and practices of the Swiss admission system for non-EU immigrants. **Migration Letters**, v. 15, n. 4, p. 503-515, 2018.

HOFFMANN, G. Brasileiras em segundo lugar na preferência dos suíços. **SWI Swissinfo.ch**, 04 abr. 2009. Disponível em <https://www.Swissinfo.ch/por/brasileiras-em-segundo-lugar-na-prefer%C3%Aancia-dos-su%C3%AD%C3%A7os/7312882>.

HOFFMANN-NOWOTNY, Hans-Joachim. Immigrant minorities in Switzerland: Sociological, legal, and political aspects. **Current Research in Sociology**, p. 1-25, 1974.

HOFFMANN-NOWOTNY, Hans-Joachim. The second generation of immigrants: a sociological analysis with special emphasis on Switzerland. In: **Guests Come to Stay**. Routledge, 2019. p. 109-133.

HUBER, Luiza. "Nos trajetos da sujeição": As brasileiras na Suíça. **Travessia-Revista do migrante**, n. 26, p. 35-37, 1996.

IBGE. (2019). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD 2019**. Brasília, Brasil: IBGE.

ISLAS, Patricia. A criminalidade em um dos países mais seguros do mundo. **SWI Swissinfo.ch**, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/a-criminalidade-em-um-dos-pa%C3%ADses-mais-seguros-do-mundo/46266080>.

JAEGER, Fabienne N. et al. The migration-related language barrier and professional interpreter use in primary health care in Switzerland. **BMC health services research**, v. 19, n. 1, p. 1-10, 2019.

KREMER, Guilherme Mateus et al. Correlação e regressão linear de variáveis que interferem no produto interno bruto do Brasil: uma análise estatística de dados. **Revista Gestão Industrial**, v. 15, n. 2, 2019.

LEBLANG, David; PETERS, Margaret E. Immigration and Globalization (and Deglobalization). **Annual Review of Political Science**, v. 25, p. 377-399, 2022.

LERCH, Mathias et al. **Remittance behaviour of Serbian migrants living in Switzerland**. **Université de Neuchâtel**, 2007. Report. Disponível em <https://doc.rero.ch/record/8167>

MELNIKOVA, Julija et al. Immigrants and Asylum Seekers' Digital Entrepreneurship Competence: Evaluation of the Theoretical Framework. In: **9th Balkan Region Conference on Engineering and Business Education and 12th International Conference on Engineering and Business Education Sibiu**, Romania. 2019.

MRE, Ministério das Relações Exteriores. **Relatório Anual 2020: Dimensões da Migração Internacional: Desigualdades, Formalização no Mercado de trabalho e Status Migratório**. Universidade de Brasília, 2020.

OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de; PADILLA, Beatriz. "Estar aqui, estar lá": configurações familiares e afetivas na migração de brasileiros para Portugal. **Anais**, p. 1-4, 2019.

OLIVEIRA, Priscilla Menezes de. **English tea ou cafezinho: olhares e paladares sobre a comunidade brasileira em Londres**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília – UnB, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, Brasília, DF, Brasil, 2017.

PERKOWSKA, Magdalena. Popular Initiative as an Instrument of Migration Policy in Switzerland. **Studia Iuridica Lublinensia**, v. 29, n. 1, 2020.

PFIRTER, Luca. Constructing 'unteachability' through menacing warnings: The coupling of welfare benefits and migration control in Switzerland. **Journal of Legal Anthropology**, v. 3, n. 2, p. 29-49, 2019.

PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. The new second generation: Segmented assimilation and its variants. **The annals of the American academy of political and social science**, v. 530, n. 1, p. 74-96, 1993.

QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Breve história da evolução do construto proficiência em línguas. **Em Aberto**, v. 32, n. 104, 2019.

RITTINER, Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues. **O matrimônio transpondo fronteiras: a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal**. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2014.

ROBINS, Daniel. Brazilians in London: ideology, social class, and motivations for migration, settlement, and return. **Latin American Perspectives**, v. 46, n. 4, p. 154-168, 2019.

RUEDIN, Didier. Increasing validity by recombining existing indices: MIPEX as a measure of citizenship models. **Social Science Quarterly**, v. 96, n. 2, p. 629-638, 2015.

RUEDIN, Didier et al. Immigration and integration policy in Switzerland, 1848 to 2014. **Swiss Political Science Review**, v. 21, n. 1, p. 5-22, 2015.

SCHULER, Flavia da Maria Gomes; SOUZA BRITO, Cristina Maria da. Migration for Love? A Study of Brazilian Women Married to Swiss Men. **Psychology Research**, v. 4, n. 1, p. 48, 2014.

SCHULER, Flávia de Maria Gomes; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Between dreams and reality: Migration of Brazilian women to Switzerland. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 24-30, 2014.

SCHULER, Flávia de Maria Gomes; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Paths and ways: a study on migration of Brazilian children to Switzerland. In: **World Conference on Qualitative Research**. 2019. p. 239-240.

SEM - Secrétariat d'État aux migrations. **Statistique des étrangers et de l'asile**. Bern: Secrétariat aux migrations, 2020.

SEMINARIO, Romina. Femininities and masculinities in highly skilled migration: Peruvian graduates' narratives of employment transitions and binational marriages in Switzerland. **Migration Letters**, v. 15, n. 1, p. 85-98, 2017.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. **Journal of business research**, v. 104, p. 333-339, 2019.

SOLANO, Giacomo; HUDDLESTON, Thomas. **Migrant integration policy index**. Migration Policy Group, 2020. Disponível em: <https://www.mipex.eu/key-findings>

STEINER, Ilka; WANNER, Philippe. **Migrants and expats: the Swiss migration and mobility nexus**. Springer Nature, 2019.

STEPHENS, Thomas. A relação de amor e ódio dos estrangeiros com a Suíça continua. **SWI Swissinfo.ch**, 19 mai. 2021. Disponível em: https://www.Swissinfo.ch/por/rela%C3%A7%C3%A3o-de-amor-e-%C3%B3dio-dos-estrangeiros-com-a-su%C3%AD%C3%A7a-continua/46628720?utm_campaign=teaser-in-debate&utm_content=o&utm_medium=display&utm_source=Swissinfoch.

STINGL, Isabella. (Im) Possible selves in the Swiss labour market: Temporalities, immigration regulations, and the production of precarious workers. **Geoforum**, v. 125, p. 1-8, 2021.

VEGA-MUÑOZ, Alejandro et al. Recognizing new trends in brain drain studies in the framework of global sustainability. **Sustainability**, v. 13, n. 6, p. 3195, 2021.

WANNER, Philippe. Can Migrants' Emigration intentions predict their actual behaviors? Evidence from a Swiss survey. **Journal of International Migration and Integration**, v. 22, n. 3, p. 1151-1179, 2021.

WYSS, Malika; NEDELCO, Mihaela. Grandparents on the move: a multilevel framework analysis to understand diversity in zero-generation care arrangements in **Switzerland**. **Global Networks**, v. 20, n. 2, p. 343-361, 2020.

ZSCHIRNT, Eva. Evidence of hiring discrimination against the second generation: results from a correspondence test in the Swiss labour market. **Journal of International Migration and Integration**, v. 21, n. 2, p. 563-585, 2020.

ZUFFEREY, Jonathan; STEINER, Ilka; RUEDIN, Didier. The many forms of multiple migrations: Evidence from a sequence analysis in Switzerland, 1998 to 2008. **International migration review**, v. 55, n. 1, p. 254-279, 2021.